

# LEITURA E CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM NA OBRA DE FRANCO ZAGARI

*LANDSCAPE INTERPRETATION AND CONSTRUCTION IN THE WORK OF FRANCO ZAGARI*

## **Henrique Pessoa Pereira Alves**

Arquiteto paisagista e professor de Arquitetura da Paisagem na Facoltà de Architettura Civile del Politecnico di Milano e na Facoltà di Architettura dell'Università IUAV de Venezia.

e-mail: henrique.pessoa@virgilio.it

## RESUMO

Este artigo oferece uma análise da obra do arquiteto paisagista italiano Franco Zagari, acentuando a importância de sua reflexão no interior do debate italiano contemporâneo sobre a paisagem e descrevendo seus principais projetos.

**Palavras-chave:** Franco Zagari, Burle Marx, paisagismo contemporâneo, centros históricos, requalificação urbana, praça de Montecitorio, Saint-Denis.

## ABSTRACT

*This paper proposes an interpretation of the work of the Italian landscape architect Franco Zagari, underlining the importance of his views in the modern Italian discussion on landscape and describing some of his main projects.*

**Key words:** Franco Zagari, Burle Marx, modern landscape, historical places, urban restoration, Montecitorio Square, Saint-Denis.

Poucas foram as disciplinas, na Itália, que atraíram tanta atenção e receberam uma adesão tão forte nos últimos anos como a arquitetura da paisagem. Até não muito tempo atrás, a questão da paisagem vinculava-se, em prevalência, à investigação da história e da tradição do jardim, à sua realização e ao estudo de seu significado. Os que se dedicavam ao estudo e ao projeto da paisagem *lato sensu* eram poucos: quase sempre se tratava de vozes isoladas, que procuravam manter, em vida, um discurso escassamente seguido e frequentemente não-valorizado de forma adequada, por sua complexidade e pela real importância de sua aplicação.

Dentre os arquitetos paisagistas que mais atuaram na valorização da disciplina Paisagismo durante as últimas décadas, na difusão de uma visão inovadora da matéria e na proposta e realização de projetos originais no campo da paisagem, encontra-se Franco Zagari.

Zagari amadurece, já no início dos anos 80, sua experiência de paisagista. Um momento importante nesse seu percurso é a participação do concurso internacional de idéias para o projeto do parque da Villette, em Paris, no qual obtém uma menção honrosa. São esses os anos em que se verifica um debate efervescente e fecundo em torno do tema da idéia de natureza na sociedade contemporânea e de sua tradução em um programa de parque público de massa, em sintonia com o momento histórico. O parque da Villette torna-se um dos marcos desse novo significado conferido ao parque urbano. No concurso da Villette, Zagari tem a ocasião de conhecer Roberto Burle Marx, que era o presidente do júri internacional. Durante a realização

do parque nos anos seguintes, Franco Zagari pôde acompanhar criticamente a evolução dos conceitos que eram, então, elaborados.

O interesse pelos problemas da paisagem, que começa a acentuar-se nesse período, leva Zagari (e seu grupo de estudos) a “considerar a paisagem como o limiar mais sensível da arquitetura, a partir do qual repensá-la como um todo”<sup>1</sup>. Orientando-se segundo a ampla perspectiva que assim se abria, e procurando aprofundar as questões relativas ao novo tema de interesse, Zagari realiza uma série de viagens pelo mundo, das Américas ao Extremo Oriente. Seu objetivo era visitar as mais variadas realizações no campo do paisagismo, entrevistando seus projetistas, comparando temas e experiências de projeto, analisando o modo e a forma com que esses profissionais interpretaram a cidade que se transforma, ou melhor, a sociedade que se transforma e exige da cidade novas soluções e respostas para suas novas necessidades. Tratava-se, também, de entender como as grandes questões, as quais vão bem além da mera questão formal de desenho, ou de um âmbito de controle ou de governo puramente local ou regional, como, por exemplo, a questão ambiental, são consideradas – quando consideradas – nas diversas propostas. O êxito dessas investigações foi apresentado na forma de uma série de seis documentários produzidos para a televisão pública italiana (Rai – Radio Televisione Italiana) com o nome *L’architettura del giardino contemporaneo*. Esse material foi publicado em um volume com o mesmo título e exibido na mostra *Oltre il giardino. L’architettura del giardino contemporaneo*, que percorreu diferentes cidades e países<sup>2</sup>. Cada capítulo é dedicado a uma particular região geográfica: Itália, Europa, América Latina, América do Norte, Japão. Destaca-se, em particular, a apresentação das obras de Roberto Burle Marx, ao qual Zagari dedica uma ampla parte do capítulo sobre a América Latina. O encontro entre os dois projetistas permanece um marco importante de todo esse percurso<sup>3</sup>.

Cumprir lembrar que esses documentos tiveram um papel significativo na difusão para um público amplo, não só de especialistas dos setores afins, mas de uma maior visão e consciência das novas tendências de projeto da paisagem em seus mais diversos âmbitos e escalas de aproximação. Ao mesmo tempo, contribuíram também para elevar a exigência crítica e o padrão de expectativas da opinião pública com respeito às questões inerentes ao desenho e à qualidade dos espaços não-edificados. Esses espaços deixam de ser percebidos como um resíduo ou uma simples ausência de edificação, e passam a ser considerados por si mesmos, colocando em maior evidência as relações dialéticas que se estabelecem entre estes e os edifícios e, em última instância, a questão da inserção da arquitetura no contexto da paisagem.

Cabe notar que, atualmente, na Itália, a reflexão sobre o tema da paisagem ocupa uma posição e um destaque então inconcebíveis. Essa reflexão, no interior do debate europeu, recebeu um impulso decisivo com a Convenção Européia da Paisagem, de 2000, que já se tornou lei em vários países, entre os quais a Itália, que a aprovou em 2006. Encontramos aí, entre outras coisas, o esclarecimento em termos jurídicos e políticos da noção de paisagem, à qual se confere um *status* jurídico. É nesse contexto que Zagari prossegue sua reflexão sobre o argumento, iniciada nos anos 80 do século XX, e, desde essa época, amadurecida também em função da intensa atividade de projeto por ele desenvolvida. O fruto mais recente dessa sua reflexão sobre as questões da paisagem é o volume *Questo è paesaggio* (cf. ZAGARI, 2006). O campo se alarga, mas a posição da atividade de projeto permanece essencial. Significativamente, Zagari constrói essa sua obra apresentando um rico *Atlas iconográfico* e recolhendo definições de paisagem dos maiores arquitetos paisagistas italianos e estrangeiros, junto de urbanistas, escritores, artistas, biólogos, ecólogos, estudiosos de filosofia, geógrafos, juristas, sociólogos, etc. No entanto, intitula o ensaio de apresentação ao volume *Sobre o projeto*, ancorando suas reflexões no campo da atividade a que se dedicou intensamente desde os anos 90 do século passado e no qual ofereceu uma das contribuições mais significativas ao paisagismo italiano.

Com efeito, a partir desses anos, Zagari intensifica sua produção na área do paisagismo e cria alguns de seus principais projetos<sup>4</sup>. No início da década, Zagari realiza o *Jardim italiano* para a Expo Universal de Osaka, no Japão (International Garden and Greenery Exposition).

Essa obra recebeu vários prêmios e menções pela crítica e, depois da exposição, transformou-se em um jardim público permanente da cidade. Trata-se de um jardim de cerca de 1.000 m<sup>2</sup>, situado em uma vertente voltada para a maior exposição solar, no qual Zagari propõe uma combinação original entre formas italianas e orientais, na escolha da vegetação e das estruturas. Uma “contaminação” que se verifica também na escolha dos materiais e que, segundo o próprio autor, aprimorou-se durante a realização do trabalho pelos artesãos japoneses.

Com suas obras, Zagari demonstra partir sempre de uma atenta leitura da paisagem, na qual, inevitavelmente, contexto geográfico e sucessão de momentos históricos se entrelaçam, interagem e dialogam com as formas de percepção, em um processo dinâmico e dialético de interrogação do *lugar*. Um processo dirigido para a busca de pontos seguros de ancoragem, a partir dos quais se realiza o projeto. Essa prática pode ser verificada em uma série de projetos em que Zagari teve de confrontar-se com contextos nos quais a matriz “antrópica” da paisagem era fortemente predominante, e constatava-se uma complexa situação de estratificações históricas de grande qualidade e significado (o que ocorre com particular freqüência no território italiano). Entre esses projetos encontramos as diversas intervenções em centros históricos, com a valorização de praças de importante significado cívico e político. Trata-se de casos limites, em que, basicamente, deve-se “encontrar uma forma nova, contemporânea, para acrescentar nova qualidade à qualidade incomparável do já existente” (P. MARAGALL, em SACCHI, 2003, p. 106), às vezes dissimulada por alterações aplicadas no decorrer da história. Nesses casos torna-se necessário propiciar uma releitura seletiva do passado, em um delicado processo de limpeza, e quase exclusivamente de eliminação do supérfluo e de introdução dos elementos mínimos necessários à clareza de leitura requerida pela “narração do lugar” que se quer restabelecer.

O exemplo mais significativo, também por seu significado histórico e político, talvez seja o projeto para a praça de Montecitório (Fotos 1 e 2; Figuras 1 e 2), uma das mais importantes praças barrocas de Roma, onde se encontra a sede do Parlamento Italiano, um palácio projetado por Gian Lorenzo Bernini e Carlo Fontana. Nesse projeto, realizado em 1998, Zagari elimina todos os elementos impróprios de mobiliário urbano, proíbe o estacionamento e restringe a circulação de automóveis, restaura a pavimentação e recompõe a antiga topografia da praça, alterada no início do século XX. A transformação da praça como espaço para pedestres possibilita, novamente, a leitura de sua proporção matemática e evidencia seu valor intrínseco, não sendo vista somente em função da qualidade arquitetônica dos edifícios que a circundam. Zagari renova a iluminação, acentua o traçado barroco da praça, dando particular atenção às formas curvas no declive diante do palácio de Montecitório (o antigo monte Márcio) e valoriza o obelisco egípcio, retomando a função de relógio solar que assumira a partir do século XVIII<sup>5</sup>.



Foto 1: Praça de Montecitório vista do alto  
Fonte: Studio Franco Zagari

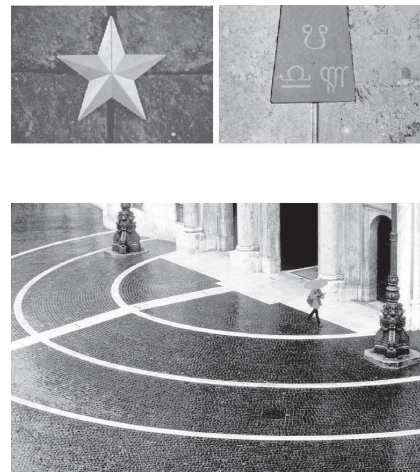


Foto 2: Praça de Montecitório:  
detalhes da pavimentação  
Fonte: Studio Franco Zagari

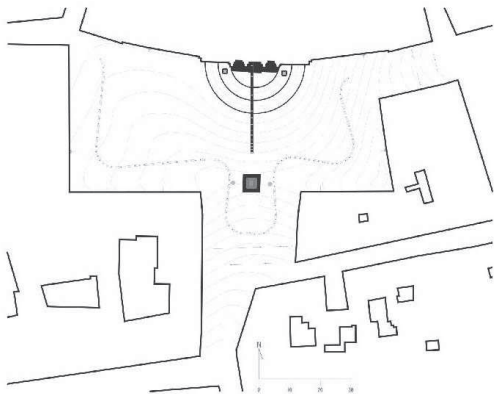


Figura 1: Projeto da praça de Montecitório, 1998  
Fonte: Studio Franco Zagari

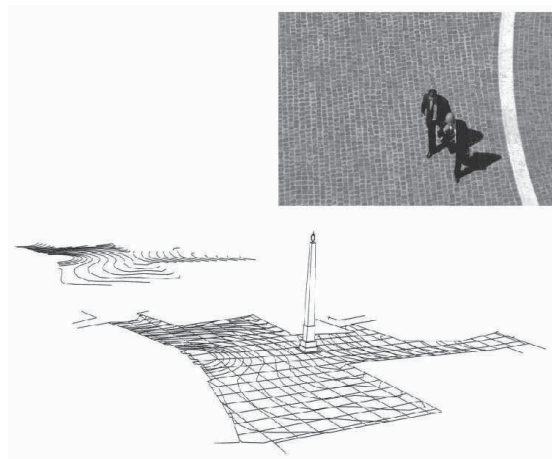


Figura 2: Praça de Montecitório: estudo da topografia de projeto  
Fonte: Studio Franco Zagari

Não somente as praças “políticas” são objeto de atenção por parte de Franco Zagari. Um de seus projetos recentes mais significativos diz respeito à requalificação urbana do centro de Saint-Denis, a cidade na periferia de Paris, de forte significado simbólico na história francesa e, ao mesmo tempo, em época recente, lugar de residência de uma população de baixa renda, freqüentemente de origem estrangeira. Os problemas da qualidade da vida urbana unem-se à discussão sobre o valor histórico e de identidade desse espaço. O plano de requalificação de Saint-Denis se insere em um projeto de transformação e reorganização de todo o centro histórico da cidade em zona para pedestres, com mais de cinco hectares de extensão. Zagari propõe um sistema complexo e articulado de praças e ruas em torno da célebre catedral gótica (Fotos 3 e 4). Ao mesmo tempo, valoriza a característica própria da cidade contemporânea, sugerindo soluções eficazes para os problemas de transporte público, de verde urbano, com a organização dos percursos e áreas para pedestres, onde ocorrem feiras ou festas com grande afluência de população<sup>6</sup>. Entre o símbolo histórico tradicional – a catedral – e os marcos atuais – o estádio de futebol –, a cidade se articula, na vivacidade da vida de seus novos habitantes, como uma espécie de ágora contemporânea, e, enquanto tal, Zagari oferece sua interpretação, e seu projeto, como um “apoio macio ao andamento do solo”, procurando uma “organização dos espaços adaptada às mudanças” (ZAGARI, 2006, p. 114). Nos espaços restritos destinados ao tráfego viário local, o desnível entre zona para pedestres e zona para automóveis é de apenas cinco centímetros. Como diz o autor, “a pavimentação é como uma ‘máquina retórica’, que narra e evoca uma ‘geografia’ de unidades, dimensões e traçados históricos que hoje aparecem apagados ou de leitura menos clara” (ZAGARI, 2006, p. 114-115).



Foto 3: Saint-Denis: praça da Catedral  
Crédito: Autor



Foto 4: Saint-Denis: detalhe da pavimentação  
Crédito: Autor

Em contextos nos quais a componente natural é a matriz predominante da paisagem, a obra de Franco Zagari demonstra sua habilidade no domínio da mudança de escala de intervenção. Como exemplo, pode-se indicar o projeto para o sistema de visitas às grutas históricas em Niaux, na região de Ariège, nos Pireneus franceses, realizado com Massimiliano Fuksas, Jean-Louis Fulcrand, G. Jourdan e outros, após um concurso internacional em duas fases (Figura 3; Fotos 5, 6, 7 e 8). Uma caverna de 50 metros abre-se na encosta lateral de uma montanha, restringindo-se, em seu interior, até uma estreita passagem, pela qual se acessa um dos mais importantes testemunhos de arte rupestre pré-histórica da Europa. Era necessário criar, aqui, um espaço de informação e de espera para os visitantes, que, para não modificar o microclima no interior da caverna, observam os desenhos em grupos constituídos por poucas pessoas. Zagari e os demais arquitetos projetaram a construção de um corpo de aço corten, a avançar na paisagem e conduzir, como um percurso, para o fundo da caverna. Esse corpo mantém “intacta” a caverna, apoiando-se em uma espécie de “centopéia”, que

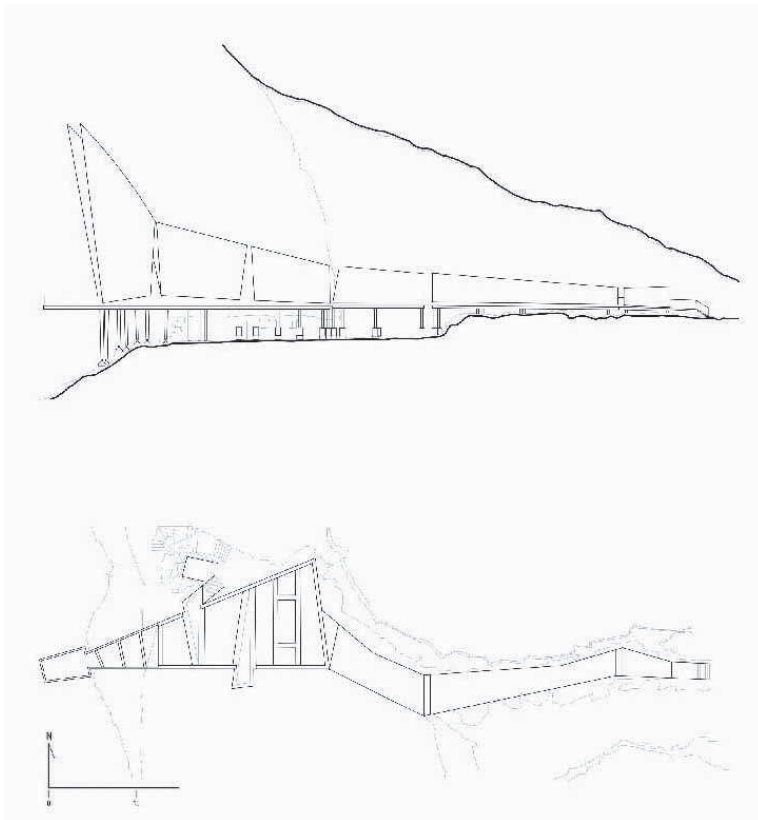


Figura 3: Caverna de Niaux: planta e corte  
 Fonte: Studio Franco Zagari

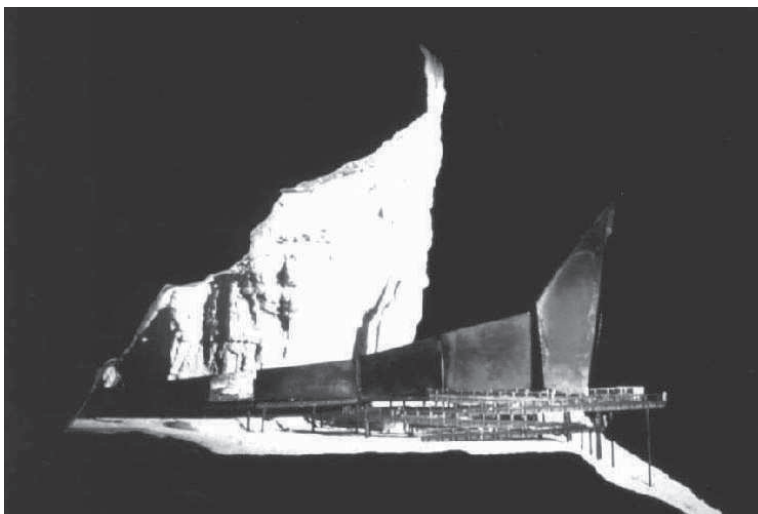


Foto 5: Caverna de Niaux  
 Fonte: Studio Franco Zagari



Foto 6: Caverna de Niaux  
Fonte: Studio Franco Zagari



Foto 7: Caverna de Niaux  
Fonte: Studio Franco Zagari

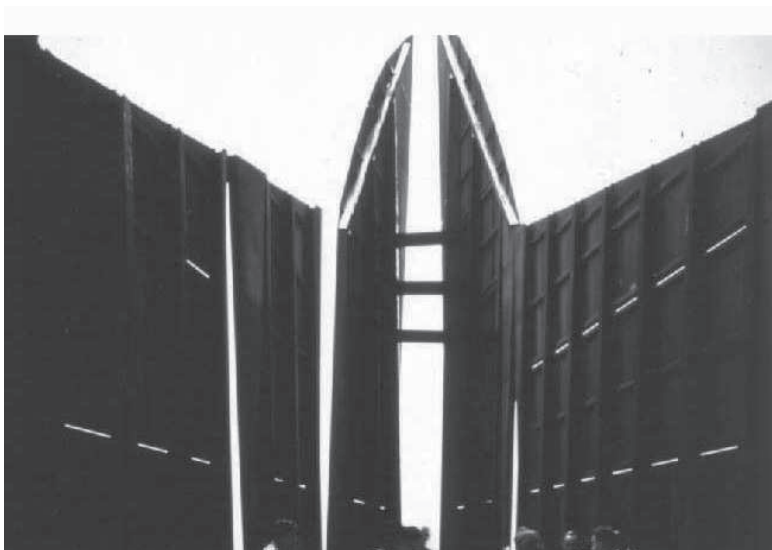


Foto 8: Caverna de Niaux  
Fonte: Studio Franco Zagari

toca levemente o solo. A construção, funcional à exigência de limitar o ingresso dos visitantes, impõe-se como um marco na paisagem circunstante, em um jogo de forma e de cor com a montanha e o ingresso da gruta.

Como um “sinal na paisagem” – um *landmark* – apresenta-se também o projeto para o porto de Sant’Elpidio (Macerata, Itália), realizado em 2002 (Fotos 9, 10, 11 e 12). Tratava-se de realizar um passeio, beira-mar, de quase dois quilômetros e meio de extensão. O partido adotado evidencia a forte linearidade da intervenção, pela criação de uma faixa calçada com uma largura constante de cerca de quatro metros, realizada com um desenho movimentado e variável de trapézios coloridos (resina), retalhados no calçamento de cor clara e uniforme do mármore travertino (travessas estreitas e longas com diferentes acabamentos de superfície). À margem do percurso linear são previstas algumas praças para o descanso, concebidas como terraços com pavimentação em madeira, assentos, bicas de água e zonas de abrigo contra o sol. Com o intuito de manter *in loco*, mas segundo as modernas condições de higiene, a prática tradicional da venda direta de peixes ao público por parte dos pescadores locais foram projetados oito pavilhões em madeira. A atenção com os mínimos detalhes é evidente. Para esse projeto, na busca de efeitos especiais de iluminação, foi desenhada uma luminária urbana, colocada em produção de âmbito industrial.



Foto 9: Porto Sant'Elpidio: detalhe da pavimentação  
 Fonte: Studio Franco Zagari



Foto 10: Porto Sant'Elpidio: detalhe da pavimentação  
 Fonte: Studio Franco Zagari



Foto 11: Porto Sant'Elpidio: área de descanso  
 Fonte: Studio Franco Zagari



Foto 12: Porto Sant'Elpidio: detalhe da iluminação  
 Fonte: Studio Franco Zagari

Uma outra variação do tema do percurso exclusivo para pedestres, dessa vez localizado em um tecido urbano compacto, foi realizado, no mesmo ano, em Montegrotto Terme (Pádua, Itália). Dada sua localização central, o projeto toma partido do grande número de pessoas que por aí transita e da necessidade de criação de uma área que consiga absorver diversas atividades e fornecer respostas flexíveis às diversas funções em constante evolução e transformação. O projeto se realiza com a sobreposição de sistemas primários de pedra, vegetação baixa, vegetação arbórea, água, dando particular atenção à iluminação e à decoração urbana (Figura 4; Fotos 13, 14 e 15). A vegetação se apresenta em formas antitéticas, com as árvores dispostas em grupos em movimento livre, enquanto as roseiras se apóiam em composições de grupos de estruturas geométricas planas quase paralelas entre si, mas convergentes para um ponto encontrado fora da área de projeto (Foto 14).

Mencionemos, enfim, dentro do amplo universo que envolve a questão do jardim histórico, um projeto de Zagari diretamente relacionado a essa problemática. Trata-se do projeto, realizado em 2000, para o jardim da Villa Lante, uma das mais importantes villas romanas no bairro do

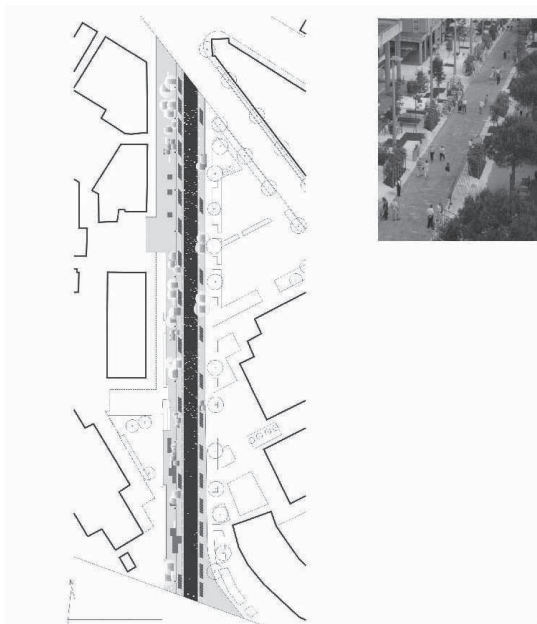


Figura 4: Montegrotto Terme: projeto  
Fonte: Studio Franco Zagari



Foto 13:: Montegrotto Terme  
Fonte: Studio Franco Zagari

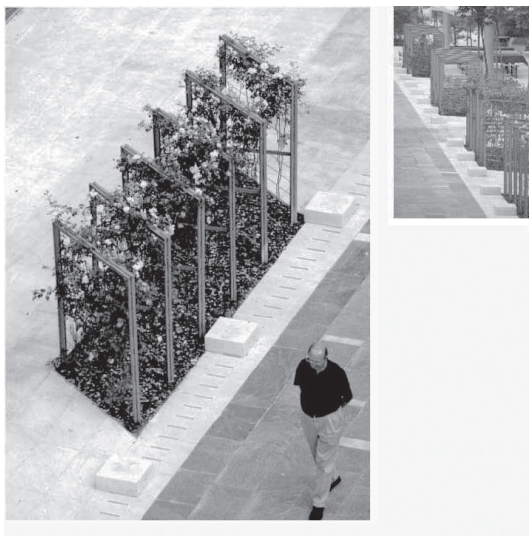


Foto 14: Montegrotto Terme: detalhe das roseiras  
Fonte: Studio Franco Zagari



Foto 15: Montegrotto Terme: detalhes  
Fonte: Studio Franco Zagari

Gianicolo (Figuras 5 e 6; Fotos 16, 17, 18 e 19). Com vista sobre a cidade de Roma, o edifício foi originalmente projetado por Giulio Romano, no século XVI e, em seguida, modificado por Giuseppe Valadier. Ainda que de pequena dimensão, a construção apresentava um caráter majestoso graças a uma deformação de perspectiva, estabelecendo o ponto de observação em uma cota muito inferior à posição do edifício no alto da colina. A residência possuía um extenso jardim que participava ativamente desse jogo de perspectiva, prevendo, no centro, um grande eixo cuja largura era a mesma da *villa*. Em 1930, para criar um passeio público, o jardim foi reduzido, ganhando uma forma circular, o que tirou do edifício seu equilíbrio ilusionista e conferiu-lhe um aspecto pouco significativo. Nesse caso, o projeto de Zagari procura restituir ao lugar, por quanto possível, pelo menos a sugestão de uma tensão harmônica que leve a redescobrir sua lógica autêntica. Retomam-se os eixos clássicos, os traçados reguladores, as proporções e as deformações da *villa*.

Apoiados sobre uma pavimentação de tijolos à espinha de peixe, foi predisposta uma série de esculturas que reinterpretem a arte topiária. Esse retículo de sebes regulares, cuja dimensão



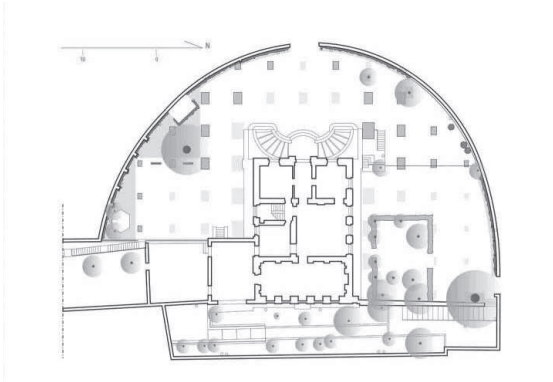


Figura 5: Villa Lante: projeto  
Fonte: Studio Franco Zagari

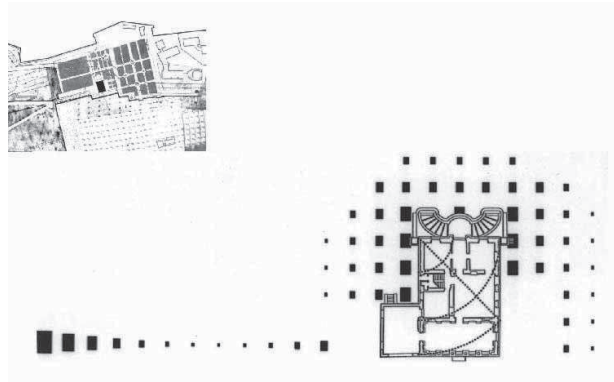


Figura 6: Villa Lante: estudo de projeto  
Fonte: Studio Franco Zagari



Foto 16: Villa Lante  
Fonte: Studio Franco Zagari



Foto 17: Villa Lante  
Fonte: Studio Franco Zagari



Foto 18: Villa Lante  
Fonte: Studio Franco Zagari

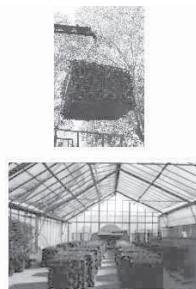


Foto 19: Villa Lante  
Fonte: Studio Franco Zagari

diminui à medida que se afastam da *villa* em direção ao confim, cria um efeito ótico, modificando a percepção da distância. Segundo uma técnica própria às exposições floreadas, as sebes foram preparadas no viveiro e, em seguida, somente apoiadas nas posições estabelecidas pelo projeto. Trata-se de gaiolas realizadas com uma dupla rede, com, no meio, um feltro, e todas as superfícies exteriores cobertas por jasmim (*jasminum officinale*). Um expediente que se propõe como “respeito” pelo monumento histórico, enquanto solução reversível.

*Respeito pela narração do próprio lugar* – essas parecem ser as palavras de ordem a guiarem os projetos de Franco Zagari, discípulo atento de uma “*poetica dell’ascolto*”. Em suas realizações, lê-se um ensino de importância fundamental: a compreensão profunda do passado, que nos é “entregue” no estado de fato da área de estudo – uma premissa necessária para compreender e desenhar o futuro. Seus projetos põem em evidência possíveis modalidades de intervenção em situações de grande valor e conotação histórica, semântica e/ou ambiental, e demonstram como as modificações a serem introduzidas devem, acima de tudo, demonstrar respeito pelo contexto, agindo com extrema sutileza e, ao mesmo tempo, com coragem. Como vimos, alguns de seus projetos revelam, de forma clara, como uma interpretação nova do espaço público contemporâneo, variada e imprevisível, pode conduzir a um resultado de grande força expressiva, mesmo quando, às vezes, baseiam-se, quase exclusivamente, na *subtração* de elementos.

O desafio na criação de paisagens dentro do contexto urbano, que afastem os indivíduos da cotidianidade do cenário urbano e amolde as cidades às novas funções, aspirações e necessidades de seus habitantes, induz a uma revisão de conceitos relativos ao espaço público, os quais não se reduzem a uma mera questão formal de desenho. Esse desafio leva, mais uma vez, a propostas que se materializam com a introdução de novos símbolos, cores e materiais. O projetista age, freqüentemente, por contraste, modificando alguns dos atores de um cenário cotidiano ou introduzindo novos atores no mesmo cenário: trazendo à tona um nível diferente de leitura das novas relações, destacando os verdadeiros valores do lugar.

## ALGUMAS DAS OBRAS REALIZADAS POR FRANCO ZAGARI

- 1990 – *Jardim Italiano* para a EXPO Universal de Osaka, Japão (transformado em jardim público da cidade). Honour Prize, 4 best prizes, 2 gold medals, 3 silver medals – Mais de 20.000.000 visitantes.
- 1992 – *Jardim DNA 92* para o Festival des Jardins de Chaumont-sur-Loire, França.
- 1992 – *Praça Matteotti*, prefeitura de Catanzaro.
- 1992 – *Villa Leopardi em Roma*, prefeitura de Roma.
- 1992 – Projeto de paisagismo para 10 postos de gasolina no anel de circunvalação de Roma, para a ANAS.
- 1993 – *Le jardin de M. Hulot*, obra experimental temporânea realizada na Feira de Niort.
- 1994 – *Centre d’accueil* das grutas pré-históricas de Niaux (com M. Fuksas, J. L. Fulcrand e G. Jourdan), Pirineus, França.
- 1996 – *Praça Amedeo di Savoia* (com E. Giammatteo), Cisterna di Latina (LT).
- 1996 – *Praça do Institute Universitaire de Technologie*, Tremblay en France (Paris).
- 1997 – *Praça e parque da rua Galati* – parque público de três hectares sobre duas garagens subterrâneas, prefeitura de Roma.
- 1998 – *Praça Montecitorio*, Câmara dos Deputados e prefeitura de Roma.
- 1999 -2001 – *Praça Marconi*, prefeitura de Brisighella (Ra).
- 2000 – *Jardim da Villa Lante al Gianicolo*, para o Instituto Finlandês em Roma.
- 2000 – *Piccolo cosmo in quattro movimenti* – instalação de F. Zagari fotografada por A. Perazzi, IX Bienal de Arquitetura de Veneza.
- 2001 – *Complexo monumental do San Giovanni* – reestruturação, restauração e projeto de uma praça-jardim (com G. Gimbolli Spagnesi), Catanzaro.
- 2001 – *Praça Aurelio Saffi* (com E. Giammatteo), prefeitura de Cisterna di Latina (LT).

- 2002 – *Auditorium. Parco della Musica* (consulente de urbanismo e espaços externos para Renzo Piano), prefeitura de Roma.
- 2002 – *Praça XIX Marzo* (com E. Giammatteo), prefeitura de Cisterna di Latina (LT).
- 2002 – *Calçada da rua Manzoni*, Montegrotto Terme (PD).
- 2003 – *Beira-mar Faleria* (com D. Rosettani), prefeitura de porto de Sant’Elpidio (AP).
- 2003 – *Revalorisation du centre ville de Saint-Denis*, Saint-Denis – Paris.

### Concursos internacionais recentes

- 2001 – *Reménagement esplanade de la Major*, Marselha (concurso internacional com convites fechados).
- 2002 – *Parco Forlanini*, Milão (concurso internacional com convites fechados).
- 2003 – *Reformation of the Piraeus Street of Athens*, para as Olimpíadas de Atenas.

### Notas

- (1) São palavras de Zagari, em sua apresentação ao volume de Donin sobre os parques contemporâneos. (DONIN, 1999, p. 9-10), referindo seu percurso naqueles anos: “*Si fece sempre più chiara una passione per l’architettura del giardino e del paesaggio (...). Si formò in noi un’ipotesi: che il paesaggio fosse una delle soglie problematiche più sensibili per una svolta dell’architettura nel suo insieme.*”
- (2) Para a publicação dessa obra em um volume, ver ZAGARI (1988).
- (3) Uma consequência significativa desse encontro e da atenção dedicada por Zagari à obra de Burle Marx encontra-se na tese de doutorado de Anna Maria Russo (RUSSO, 2004), orientada por Zagari, sobre o paisagismo brasileiro após Burle Marx, com introdução de Franco Zagari e apresentação de Henrique Pessoa.
- (4) Para uma recente análise da obra de Franco Zagari, consultar a recente monografia de Livio Sacchi (SACCHI, 2003). São igualmente importantes as considerações desenvolvidas por Zagari em sua apresentação à obra de Donin (DONIN, 1999, p. 9-13), volume em que encontramos também a análise do projeto de Zagari para a Villa Leopardi (p. 222-223).
- (5) Um outro exemplo anterior de intervenção, com forte significado cívico e político, é o projeto da praça Matteotti, em Catanzaro, no sul da Itália, realizado em 1992. O projeto recobre um significado particular na valorização de um espaço público central na cidade. Nesse caso, as palmeiras e o desenho da pavimentação caracterizam todo o espaço diante do tribunal da cidade, segundo parâmetros que encontramos nos trabalhos sucessivos de Zagari.
- (6) Devemos também notar, nesse contexto, o projeto para a praça da Catedral da Major, em Marselha, uma igreja de grandes dimensões e um dos símbolos da cidade, elemento central de referência urbana, próxima ao porto. O projeto de reestruturação da ampla esplanada diante da catedral visa recompor o significado de um espaço profundamente modificado pelo ampliamiento das docas portuais.

### Bibliografia

- DONIN, Gianpiero. *Parchi. L’architettura del giardino pubblico nel progetto europeo contemporaneo*. Cannitello (RC): Biblioteca del Cenide, 1999.
- RUSSO, Anna Maria. *L’architettura del paesaggio in Brasile dopo Burle Marx*. Roma: Gangemi Editore, 2004.
- SACCHI, Livio. *Franco Zagari. L’interpretazione del paesaggio. Architettura oggi: Nuove tendenze*. Torino: Testo e Immagine, n. 3, 2003.
- ZAGARI, Franco. *L’architettura del giardino contemporaneo*. Milão; Roma: Mondadori/De Luca Editori, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Questo è paesaggio. 48 definizioni*. Roma. Gruppo Mancosu editore, 2006. (Coleção: Grandi Tascabili di Architettura).